

Vultos do bolsonarismo em piauí:¹
enquadramentos de uma revista em busca do registro político de seu tempo

Marcelo AFONSO²
Hila RODRIGUES³
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO: O estudo que resultou neste resumo expandido examinou como a revista *piauí* construiu as histórias de vida de figuras políticas associadas à imagem do governo de Jair Messias Bolsonaro (1º de janeiro de 2019 – 31 de dezembro de 2022) nas páginas da editoria “Vultos da República”. O recorte estabelecido para a pesquisa compreendeu, inicialmente, 12 perfis veiculados entre setembro de 2016 e novembro de 2022. Desses, foram escolhidos os perfis sobre Jair, Carlos e Eduardo Bolsonaro, seguindo a hipótese de que o eixo familiar poderia desvelar alguns temas relevantes. Metodologicamente, o trabalho recorreu à revisão bibliográfica sobre o jornalismo de revista, perfis no jornalismo e os estudos de Mauro Porto (2002) sobre enquadramentos noticiosos e interpretativos. Ao trabalhar os enquadramentos estruturados para retratar as figuras elencadas, a pesquisa revela de que forma esses “quadros” apontam para uma interpretação singular da revista sobre esses sujeitos e sobre o tempo no qual estão inseridos.

PALAVRAS-CHAVE: revista *piauí*; bolsonarismo; enquadramento; perfil.

A DIREITA QUE ATIRA⁴. Em setembro de 2016, a revista *piauí* publicou em suas páginas um perfil sobre Jair Bolsonaro, cinco meses após o anúncio de sua pré-candidatura às eleições presidenciais de 2018, até então vinculada ao Partido Social Cristão (PSC). Nas páginas da editoria “Vultos da República”, Jair foi apresentado como um candidato de pouca expressão, que *odeia* e que não se ressentia por ser odiado. O perfil também analisou a sua escalada, o perfil de seu eleitorado e as suas chances de eleição, tidas como mínimas. Daquele momento em diante, observamos que “Vultos” escolheu registrar diversos outros fragmentos das vidas (políticas) de personalidades associadas à imagem do governo de Jair – em momentos e com objetivos distintos. Como durante os meses que antecederam as eleições que o elegeram o 38º presidente da República, quando os perfis sobre Paulo Guedes (set. 2018), cotado como futuro ministro da Economia, e Hamilton Mourão (nov. 2018), futuro vice-presidente,

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação política e eleitoral, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Marcelo Afonso de Souza Junior. Bacharel em Jornalismo. E-mail: marcelo.afonso@aluno.ufop.edu.br

³ Hila Bernardete Silva Rodrigues. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto e orientadora da monografia. E-mail: hila.rodrigues@ufop.edu.br.

⁴ Chamada de capa da edição de número 120 da revista *piauí*, publicada em setembro de 2016.

trouxeram a perspectiva dos liberais e dos militares para dar o tom do que seria a “gestão” Bolsonaro. Ou então, durante os anos de governo, entre janeiro de 2019 e dezembro de 2022, quando *piauí* se ocupou em narrar, sob esse pretexto, as trajetórias de aliados e desafetos políticos de Jair, mesmo aqueles externos à esfera institucional do poder, a saber: Ernesto Araújo (abr. 2019), ex-ministro das Relações Exteriores; Carlos Bolsonaro (jul. 2019), vereador municipal do Rio de Janeiro e filho do então presidente; Tereza Cristina (set. 2019), ex-ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Joice Hasselmann (out. 2019), ex-líder do Governo no Congresso Nacional; Eduardo Bolsonaro (mar. 2020), deputado estadual de São Paulo e filho do então presidente; Wilson Witzel (jul. 2020), ex-governador do Rio de Janeiro; Luciano Hang (set. 2020), empresário; Evaristo de Miranda (mar. 2021), ex-pesquisador da Embrapa; e Arthur Lira (dez. 2021), presidente da Câmara dos Deputados. Dessa observação, surgiu a pergunta que norteou a feitura da monografia (AFONSO, 2023): como a revista *piauí* abordou a vida desses “Vultos”? Para a resposta, foi preciso delimitar um segundo recorte, ainda menor. E para isso foram escolhidos os perfis que versaram sobre Jair, Carlos e Eduardo Bolsonaro, seguindo a hipótese de que o eixo familiar poderia desvelar alguns *temas* interessantes.

JORNALISMO DE REVISTA, *piauí*. Reconhecer um jornalismo que é *de revista* significa identificar as características de um modo de pensar e produzir jornalismo que foi configurado por este meio (Tavares, 2023). Nesse sentido, é correto dizer que uma revista se propõe a interpretar acontecimentos que refletem a condição de uma sociedade (Scalzo, 2004) de forma a intervir nesta realidade de modo a modificá-la (Sarlo, 1992). Com essas e outras concepções em mente, decidimos olhar para o jornalismo de *piauí*. Quando chegou às bancas de jornais, em outubro de 2006, a revista se colocou como integrante de uma tradição jornalística que remonta a atuação de títulos como *Senhor* (1959 - 1964), *Realidade* (1966 - 1976) e *The New Yorker* (1929 - dias atuais). Entre as semelhanças editoriais entre as quatro publicações, está a centralidade dada às grandes reportagens e a máxima liberdade editorial (Rolleberg, 2013). Segundo seu fundador, o economista João Moreira Salles, *piauí* seria uma revista “anárquica”, livre dos imperativos do mercado de notícias. Desde, é claro, que as histórias fossem narradas *ao estilo piauí*. Em uma entrevista dada em 2007, Salles citou

o texto “O narrador” (1985), de Walter Benjamin, para explicar a lógica por trás desta escolha editorial: a ideia de que *narrar uma história* é dar *acesso à experiência do mundo*, o que é diferente de tentar explicar esse mundo. E foi com essa proposta que, desde a sua edição inaugural, a revista *piauí* se propôs a apresentar ao leitor, com um ensaio fotográfico assinado por Orlando Brito (2006), a “incoerência” entre os acontecimentos públicos e os bastidores da vida política de certas personalidades, atribuindo a si mesma a função de intérprete desses *Vultos da República* – nome da editoria que figuraria em suas páginas de forma ocasional (como acontece com quase todas as outras). Para Salles (2007), abordar a vida dessas e de outras pessoas brasileiras seria uma forma de falar sobre o país e também de entendê-lo.

PERFIL. Segundo Vilas-Boas (2003), o perfil se encontra entre dois fatores determinantes ao seu formato: as limitações físicas inerentes ao trabalho do jornalista (o espaço de uma página, por exemplo) e a necessidade de centrar o sujeito em uma trama jornalisticamente relevante. O segundo fator nos direciona ainda para a transitoriedade desse tipo de abordagem, que será sempre um pequeno registro dos gestos e pensamentos do sujeito retratado, em determinado momento de sua vida. Pesquisadores que se detêm sobre o estudo dos perfis apontam também que as decisões editoriais que possibilitam a sua feitura (a escolha da personagem, disposição de tempo e dinheiro para a produção da história), vão seguir certas interpretações da realidade (ou enquadramentos, falaremos sobre eles). Interpretações que não são espontâneas, mas que “traduzem as perspectivas adotadas tanto na captação quanto na edição” (Maia, 2013, p. 181).

QUESTÕES DE ENQUADRAMENTO. Ao relembrarmos aqui alguns apontamentos sobre *jornalismo de revista* e a *produção de perfis no jornalismo*, queremos indicar que ao tematizar e publicizar a vida de determinadas personalidades das esferas do poder, a *piauí* revela a sua própria interpretação da realidade: desde a seleção dos sujeitos que merecem ter a sua história de vida narrada, até os aspectos que são relevantes saber. Pensar esses enquadramentos é o que nos permite indagar a lógica da revista. Ou seja, *por quê* tais aspectos são relevantes? Ou ainda, *como a revista os torna relevantes* no momento de sua publicação? A abordagem sobre enquadramento da qual lançamos mão

nesta revisão é a de Mauro Pereira Porto (2002), assim como sua distinção entre enquadramentos noticiosos e interpretativos. Segundo o pesquisador, o primeiro grupo se refere aos padrões de seleção, ênfase e apresentação que determinam o formato das informações. Dentro do universo político, são quatro os descritos pelo autor: 1) *enquadramento de interesse humano*: ênfase no sujeito; 2) *enquadramento episódico*: ênfase nos eventos; 3) *enquadramento temático*: ênfase nas proposições; e, finalmente, 4) *enquadramento corrida de cavalos*: ênfase no desempenho comparativo entre os diferentes candidatos de uma eleição. Por outro lado, o segundo grupo se refere às análises de conjuntura formuladas por diferentes atores sociais (incluindo a imprensa) no que diz respeito à definição dos problemas sociais, a atribuição das responsabilidades, possíveis soluções e relações entre causa e efeito. Essas diferentes análises circulam e entram em disputa frequentemente no campo social, sendo corroboradas ou contestadas por empresas jornalísticas, como as revistas, jornais diários, as emissoras de rádio e televisão, etc. Neste caso, adaptando as considerações de Porto (2002) aos problemas desta pesquisa, perguntamos: de que modo os enquadramentos de interesse humano (os perfis), que trazem consigo considerações de diferentes atores sociais para compor um retrato descritivo sobre a vida e a atuação política desses “Vultos”, apontam para uma interpretação própria da revista (porque por ela foi corroborada)? Isso posto, é possível dizer a partir dos três perfis elencados para análise que a relação entre pai e filhos influenciou a carreira política de todos os integrantes da família Bolsonaro – um grande enquadramento por si só, contornado de diferentes maneiras por todas as três autoras dos textos. No entanto, cada texto ainda possui a sua particularidade, de forma a oferecer para os leitores de revista não “apenas” uma história de vida, mas uma análise de conjuntura que pretendeu responder: 1) se Jair poderia ser eleito nas eleições de 2018; 2) em que medida Carlos influenciaria as decisões da presidência; 3) por quais motivos Eduardo é cogitado nos círculos bolsonaristas como um potencial sucessor do pai.

UM ANTINÔMICO, UM CACHORRO, UM VAGABUNDO. Como dissemos acima, cada um dos três sujeitos é apresentado de maneiras distintas, obedecendo às demandas das épocas de publicações de seus perfis. Jair Bolsonaro, em “Direita, Volver”, escrito por Consuelo Dieguez, aparece como o candidato que “colocou o

ultraconservadorismo no jogo eleitoral”. É descrito a partir de contradições: é católico, mas sua base eleitoral é evangélica; fala aos militares, mas passou mais tempo no Parlamento que no Exército; se espelha nos militares-governantes da ditadura brasileira, mas teme ser perseguido pela “esquerda”. O perfil segue detalhadamente a análise de historiadores e economistas que avaliam suas chances de eleição (mínimas); o lugar que a extrema-direita ocupa no Brasil (considerado um movimento de pouca adesão popular); assim como o perfil de seu eleitorado (tido como inexpressivo): homens jovens, classe média e alta escolaridade. Já Carlos Bolsonaro, em “O pit bull do papai”, escrito por Malu Gaspar, é apresentado como “o filho mais próximo do presidente”. Seu perfil recupera a sua entrada para a esfera pública; sua relação especial com Jair, que daria a ele acesso ao gabinete do pai e às decisões sobre estratégias de comunicação da Presidência – a publicação deste texto seguiu a esteira das investigações sobre “notícias fraudulentas” pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 2019; mas, principalmente, as avaliações de quem se desentendeu publicamente com Carlos, assim como as consequências sofridas por cada uma dessas personagens. Finalmente, Eduardo Bolsonaro, em “A viagem do vagão”, escrito por Thais Bilenky, é descrito como alguém que não cumpre com sua agenda política; que tem gosto por viajar, desde que bancado por dinheiro público; que é inapto a tudo o que se propõe a fazer – um diplomata às avessas, muito semelhante ao pai. O percurso narrado neste texto acompanha viagens feitas por ele a Israel e Estados Unidos, dois países-chave para entender os avanços da extrema-direita, tanto em 2020 quanto em 2024, e sua tentativa fracassada de compor o quadro de funcionários do Itamaraty.

O REGISTRO POLÍTICO DE *UM* TEMPO. Ainda que a revista tenha conseguido trazer algumas peculiaridades das histórias de vida dos sujeitos apresentados, o conjunto desses três perfis apontam também para concepções que dizem sobre o tempo em que nós vivemos. O primeiro e mais significativo deles diz sobre o aspecto republicano: é explícita a obsessão da família com questões armamentistas e de conservação dos “bons” costumes, mas também o quanto todos os três nutrem sua desafeição pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Os governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2002 - 2010) e Dilma Rousseff (2011 - 2016) aparecem como *o passado* que move a carreira política de Jair, Carlos e Eduardo. Uma escolha equivocada das jornalistas e revista, ao nosso

ver, por deixar de fora as implicações que o passado ditatorial (mas não só ele) legou ao presente. Passado do qual fez parte Jair Bolsonaro, e que sobreviveu por estruturas e modos de organização políticas muito próprias da nossa história. O que abre caminho para tratarmos sobre o segundo ponto em comum entre esses perfis: ao expandir o conhecimento do público sobre a intimidade dos Bolsonaro, *piauí* revela mais sobre a índole de Jair. Os perfis mostram como um pai obrigou os filhos a seguirem carreira política como estratégia para ampliar sua própria plataforma, algo que o alavancaria ao cargo de presidente no futuro. E como uma vez no poder ele permitiu com que cada um dos filhos “apadrinhasse” áreas de importância significativa para a sua gestão: Carlos, Comunicação, e Eduardo, Política Externa. Um aspecto que diz muito sobre o *bolsonarismo* como um lugar de naturalização da política como meio de sustentação de candidatos à direita dentro da sociedade. Uma lógica que, ainda que não seja a que a revista parece ou pretende criticar, continua presente como outro legado de nosso passado colonial e escravocrata, fazendo com que todos os integrantes de uma mesma família política “ultraconservadora” (um dos termos usados para o perfil sobre Jair) atingissem resultados nunca antes vistos nas eleições de 2018. Finalmente, a monografia mostra que ao apostar em uma abordagem narrativa como estratégia editorial, a *piauí* afirma o potencial de formatos como o perfil para o trato de certos dilemas políticos do país. Para, nas palavras de João Moreira Salles, se pensar e conhecer o Brasil. Evidenciando diferentes usos do perfil. Um formato que, na *piauí*, e mais especificamente na editoria “Vultos da República”, aparece de forma a inserir a revista em um circuito de informações (SCHWAAB; TAVARES, 2009) e oferecer a seus leitores um aspecto da realidade sobre o qual considerar.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Marcelo. **Vultos do bolsonarismo em piauí**: enquadramentos de uma revista em busca do registro político de seu tempo. 2023. 69 f. Monografia (Graduação em Jornalismo). Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

BRITO, Orlando. **Vultos da república**. Revista piauí, Rio de Janeiro, outubro de 2006. Disponível em: <piaui.folha.uol.com.br/materia/vultos-da-republica/> Acesso em: 17 abr. 2024.

MAIA, Marta. Perfil: a composição textual do sujeito. In: TAVARES, Frederico; SCHWAAB, Reges (orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 176-188.

PORTO, Mauro Pereira. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A.A. (Org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBA, 2002. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file>> Acesso em: 17 abr. 2024.

ROLLEMBERG, Marcello Chami. **Fetiche em papel pólen: a estática da narrativa na revista piauí, a grande reportagem e a elaboração do texto jornalístico na sedução de um público leitor**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2013.

SALLES, João Moreira. **Entrevista ao programa “Sempre um papo”**. 29 de maio de 2007. Disponível em: amara.leg.br/tv/179633-joao-moreira-salles-documentarista> Acesso em 17 abr. 2024.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHWAAB, Reges; TAVARES, Frederico. **O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.180-193, dez. 2009.

TAVARES, Frederico. A revista por ela mesma e o revistativo: problematizações sobre um modo de ser jornalismo. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 21, n. 45, 2022. DOI: 10.5902/2175497765695. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/65695>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

VILAS-BOAS, Sergio. Feições de um perfil jornalístico. In: **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003, pp. 13-33.